

Relação interdisciplinar entre profissionais de Educação Física e Fisioterapeutas em academias de ginástica

Interdisciplinary relationship between physical education professionals and physical therapists in fitness centers

VAZ ACA, SIGNORINI LM, SILVA AA. Relação interdisciplinar entre profissionais de Educação Física e Fisioterapeutas em academias de ginástica. *R. bras. Ci. e Mov* 2013;21(1): 41-50.

Ana C. A. Vaz¹
Luciana M. Signorini¹
Anderson A. da Silva¹

¹ Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Profissionais de educação física e fisioterapeutas compartilham o ambiente de trabalho em academias, e, supostamente, estão em situação propícia para o trabalho interdisciplinar. **Objetivo:** analisar a existência de relação interdisciplinar entre esses profissionais em academias de Belo Horizonte e detectar as características dessa relação. **Métodos:** Foi realizado estudo transversal, baseado na aplicação de questionários aos fisioterapeutas e profissionais de educação física de 29 academias de Belo Horizonte. **Resultados:** Identificaram-se fatores que podem ser responsáveis pela falha na relação interdisciplinar entre esses dois profissionais nas academias, tais como desconhecimento sobre as funções do colega de trabalho, sendo que fisioterapeutas estão realizando avaliações físicas enquanto programas de treinamento estão sendo elaborados de forma isolada pelo Profissional de educação física. Quanto ao perfil da amostra, os fatores que podem ter influenciado são a diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($p=0,001$), sendo que 65,5% dos fisioterapeutas eram do sexo feminino e 79,3% dos profissionais de educação física eram do sexo masculino; tempo de trabalho na academia ($p=0,07$), no qual a média dos fisioterapeutas era de 2,6 anos enquanto a dos profissionais de educação física era de 4,5 anos e vínculo empregatício, sendo que 86,2% dos profissionais de educação física possuíam carteira assinada enquanto 82,8% dos fisioterapeutas não possuíam vínculo formal com a academia ($p=0,01$). Encontraram-se ainda déficits no conceito teórico de interdisciplinaridade, no qual poucos profissionais pensavam no aprendizado e enriquecimento profissional de ambos. **Conclusão:** A relação que ocorre entre estes dois profissionais está em desenvolvimento, com tendência de ainda se apresentar desarticulada.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Profissionais de educação física; Fisioterapeutas; Academias de ginástica.

ABSTRACT: The physical educator and physical therapist share the work environment in fitness centers, and, supposedly, are in a situation conducive to interdisciplinary work. **Objective:** To examine whether there is an interdisciplinary relationship between physical educators and physical therapists in the environment of fitness centers in Belo Horizonte and determine the characteristics of that relationship, that is, how it occurs and what it is based on. **Methods:** A cross-sectional study was carried out through the application of questionnaires for physical therapists and physical educators from 29 fitness centers of Belo Horizonte. Two questionnaires were elaborated, one directed to each professional, aimed at investigating the interdisciplinary relationship between them in fitness centers. **Results:** Some factors that may account for the failure of interdisciplinary relationship between physical educators and physical therapists in the fitness centers were identified, such as deficits in the theoretical concept of interdisciplinarity, in which few professionals thought on learning and professional enrichment of both. Furthermore, there was lack of communication between team members and lack of knowledge about the work done by the other professionals. Regarding the profile of the sample, the factors which may influence this relationship are the statistical difference in gender ($p=0,001$), time in the fitness center ($p=0,07$) and the type of contract of employment ($p=0,01$). **Conclusion:** The interdisciplinary relationship that occurs between these two professionals is under development. It was not possible to see articulation and interaction between team members and the activities carried out did not appear as collective practice.

Key Words: Interdisciplinarity; Physical educators; Physical therapists; Fitness centers.

Enviado em: 12/08/2011
Aceito em: 22/01/2013

Contato: Anderson Aurélio da Silva - aaurelioig@ig.com.br

Introdução

A fragmentação do conhecimento, que leva a especializações das disciplinas científicas, pode ser considerada a grande responsável pela necessidade do pensamento interdisciplinar tão discutido atualmente^{1,2}. Na tentativa de compensar, pelo menos em parte, os problemas gerados pela dissociação e desintegração disciplinar, surge a interdisciplinaridade propondo diferentes níveis de cooperação entre as disciplinas^{1,2}.

Para melhor entendimento da importância da interdisciplinaridade, faz-se necessária a distinção entre ela e alguns termos, como multi e transdisciplinaridade. O termo multidisciplinaridade, diz respeito a uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho coordenado e de equipe. A solução de um problema só exige informações tomadas de empréstimo a duas ou mais especialidades ou setores de conhecimento, sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas¹. Já os termos interdisciplinaridade e transdisciplinaridade apresentam definições mais complexas que o termo anterior². A interdisciplinaridade pode ser caracterizada como o nível de colaboração entre as diversas disciplinas, sendo que ao final do processo interativo ambas saiam enriquecidas. Além disso, o espaço interdisciplinar não pode ser constituído pela simples adição de todas as especialidades, este espaço deverá negar e superar os limites que caracterizam cada disciplina¹. Por outro lado, a transdisciplinaridade, é um termo mais recente, caracteriza-se por uma etapa superior, que sucede a etapa das relações interdisciplinares e que não se contenta em atingir interações ou reciprocidade entre as ciências, mas que situa essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas^{1,3}.

Trazendo a interdisciplinaridade para a área da saúde, percebe-se, na interação entre os profissionais da área, que existem equipes, no mínimo, multiprofissionais, visto que existem profissionais de diferentes áreas atuando conjuntamente, porém não ocorre articulação dos trabalhos especializados⁴. Bons exemplos dessas equipes multiprofissionais são o PSF (Programa de Saúde da

Família), que busca o trabalho interdisciplinar através de estudos e projetos⁵ e as academias de ginástica que, a partir da década de 80, apresentaram um número crescente de profissionais, dentre eles profissionais de educação física e fisioterapeutas⁶.

Não obstante, o fenômeno interdisciplinar, apesar de ser a solução mais adequada para a fragmentação do saber está muito longe de ser evidente na prática¹, o que pode ser justificado por linguagens particulares em que nomenclatura e termos próprios de cada disciplina são frequentes entre os especialistas. Sendo assim, o diálogo, através de reuniões e discussões de casos entre profissionais de diferentes áreas, se torna impossível e o fracasso se mostra inevitável¹.

Finalmente, quando se observa os profissionais de educação física e fisioterapeutas, percebe-se que, além de encontrarem um ambiente comum de trabalho nas academias, apresentam ainda a similaridade da utilização da prática de atividade física como meio de buscar a saúde e a melhora da qualidade de vida de seus clientes, sejam eles pessoas saudáveis ou com doenças crônicas ou deficiências físicas/mentais. Logo, ambos os profissionais estão, supostamente, em situação propícia para o trabalho interdisciplinar, com troca de conhecimentos e interação entre as disciplinas.

Sendo assim, o objetivo desse estudo foi analisar a relação interdisciplinar entre os profissionais de educação física e fisioterapeutas nas academias de ginástica de Belo Horizonte, buscando identificar as características dessa relação, ou seja, saber como ela ocorre e em quais princípios apontados pela literatura ela se fundamenta.

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo transversal, baseado na aplicação de questionários aos fisioterapeutas e profissionais de educação física em academias de ginástica de Belo Horizonte, no período de janeiro a fevereiro de 2009.

A amostra foi constituída por 58 profissionais de 29 academias de ginástica de Belo Horizonte, sendo 29 fisioterapeutas e 29 profissionais de educação física. Participaram da pesquisa academias de todas as regionais

administrativas tendo como base o banco de dados utilizado por Goston⁷. As academias deveriam ser de médio porte, ou seja, possuir entre 300 e 2000 alunos⁶ e oferecer, no mínimo, aulas de ginástica coletiva e musculação. O fisioterapeuta deveria realizar, obrigatoriamente, a avaliação fisioterápica podendo também realizar outros atendimentos. Por sua vez, o profissional de educação física deveria realizar avaliações e/ou dar aulas coletivas e/ou atuar na musculação. Ambos deveriam trabalhar na academia no mesmo horário pelo menos uma vez por semana e possuírem graduação em educação física ou fisioterapia.

Para a coleta de dados foram elaborados questionários auto-aplicáveis. Os questionários buscavam identificar, através de questões objetivas (múltipla escolha), a percepção dos profissionais sobre a existência de relação interdisciplinar nas academias, as funções de cada profissional e suas inter-relações. Havia também duas questões discursivas: a primeira solicitando o conceito do termo interdisciplinaridade, enquanto que a segunda questionava sobre o que eles julgavam necessário para que ela ocorresse. A coleta foi realizada por duas pesquisadoras em visitas às academias.

Para análise dos dados, foi utilizado o software Microsoft Word 2007 para a análise das questões discursivas, colocando-se as palavras citadas em ordem alfabética de modo que denotasse as informações que ocorressem com maior frequência. Por outro lado, para as questões objetivas foi utilizado o software Microsoft Office Excel 2007 para fazer as análises estatísticas descritivas (média e porcentagem) e também para a elaboração dos gráficos, a fim de se obter melhor visualização dos resultados. O programa *R Development Core Team* (2009) foi utilizado para análise de concordância entre as respostas de uma mesma pergunta dada pelos dois profissionais da mesma academia. Finalmente, utilizou-se o teste *t-Student* para análise de significância das variáveis contidas no perfil da amostra através do Software SPSS for Windows, versão 10. Para esse estudo foi adotado nível de significância $\alpha=0,05$ ($p<0,05$).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob parecer número ETIC 383/08. Todos os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido e participaram voluntariamente do estudo.

Resultados

As academias envolvidas no estudo apresentavam de 1 a 36 anos de funcionamento, (média de 9,26 anos) e possuíam 622 alunos, em média.

Quanto aos profissionais entrevistados, 65,5% dos fisioterapeutas eram do gênero feminino, enquanto 79,3% dos profissionais de educação física eram do gênero masculino ($p=0,001$). Com relação ao tempo em que trabalhavam na academia os fisioterapeutas apresentaram média de 2,6 anos contra 4,5 anos dos profissionais de educação física, porém sem diferença estatística significativa ($p=0,07$). O tipo de vínculo empregatício também variou entre estes profissionais: 86,2% dos profissionais de educação física eram profissionais registrados enquanto 82,8% dos fisioterapeutas eram profissionais sem vínculo empregatício com a academia ($p=0,01$). Por sua vez, as características idade e tempo de formado não mostraram diferença estatística significativa (Tabela 1).

A respeito da primeira questão discursiva, entre todos os profissionais, apenas dois profissionais de educação física responderam não saber o que é interdisciplinaridade. Por outro lado, o “trabalho em equipe” e a “interação e integração de profissionais” foram os termos mais citados nas respostas.

Além disso, alguns profissionais citaram que o resultado do trabalho realizado é uma das características dessa relação, porém apresentam visões diferentes. Por exemplo, o “trabalho centrado no aluno/cliente, visando um objetivo comum ou melhores resultados”, foi citado por ambos profissionais. Adicionalmente, a “busca de soluções de problemas através do trabalho interdisciplinar” e a “interdisciplinaridade com o propósito de se criar um ambiente de trabalho melhor” também foi ressaltado pelos participantes do estudo. Finalmente, o trabalho interdisciplinar ainda foi

caracterizado como “momento de troca de conhecimento/informações” (Figura 1).

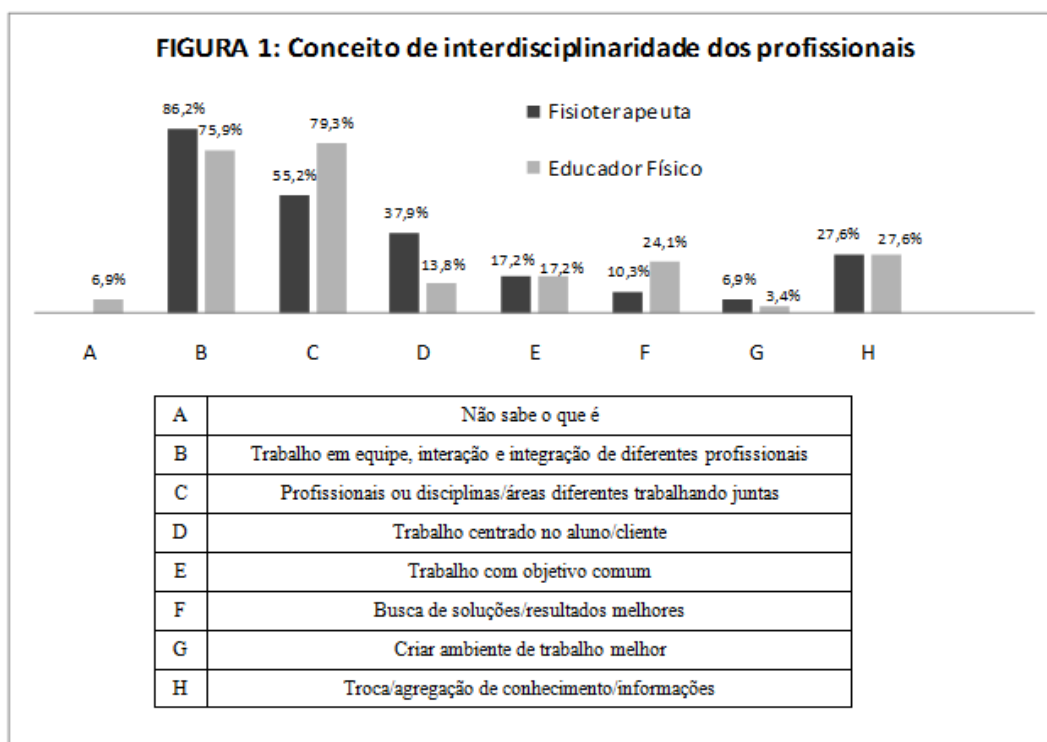
Já com relação à segunda e última questão discursiva do questionário, onde foi solicitado aos participantes que citassem palavras-chaves que

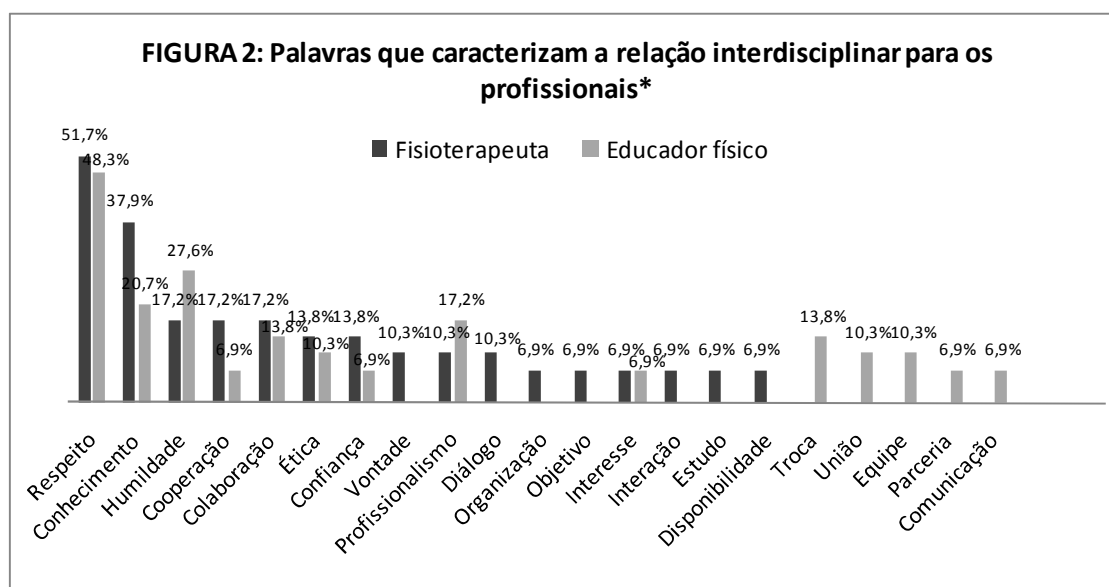
caracterizassem o trabalho interdisciplinar, as palavras mais citadas são mostradas na figura 2.

Finalmente, quanto às questões objetivas, as respostas dadas por cada profissional em cada questão estão mostradas na tabela 2.

Tabela 1. Perfil dos profissionais que participaram do estudo

	FISIOTERAPEUTA		PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
	n=29	(%)	n=29	(%)
SEXO				
Feminino	19	65,5	6	20,7
Masculino	10	34,5	23	79,3
IDADE				
Média	28,7	-	31,2	-
TEMPO MÉDIO DE FORMADO (anos)				
	4,4	-	5,3	-
TEMPO MÉDIO DE ACADEMIA				
	2,6	-	4,5	-
VINCULO EMPREGATICIO				
Funcionários não registrados	24	82,8	4	13,8
Funcionários registrados	5	17,2	25	86,2





*número de vezes (em %) que cada palavra foi citada pelos profissionais

Tabela 2. Respostas dos profissionais para as perguntas objetivas

	FISIOTERAPEUTA		PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA		Concordância na academia
	N=29	%	N=29	%	
<i>Existe relação interdisciplinar na academia que trabalham?</i>					
Sim	26	89	27	93	24
Não	3	10	2	7	0
<i>Os dois profissionais estão presentes no mesmo local de trabalho?</i>					
Sempre	0	0	1	3	0
A maior parte das vezes	4	14	0	0	0
As vezes	9	31	2	7	0
Quase nunca	4	14	3	10	0
Nunca	12	41	23	79	0
<i>Existem reuniões entre os profissionais?</i>					
Sempre	4	14	5	17	1
A maior parte das vezes	5	17	3	10	2
As vezes	8	28	8	28	3
Quase nunca	7	24	7	24	3
Nunca	5	17	6	21	2
<i>Qual profissional realiza avaliação física dos alunos?</i>					
Fisioterapeuta	16	55	13	45	29
Profissional de educação física	16	45	13	55	29
<i>Existe programa especializado para grupos de risco?</i>					
Sim	8	28	16	55	7
Não	21	72	13	45	10
<i>Quem atua quando existe?</i>					
Fisioterapeuta	2	7	0	0	0
Profissional de educação física	1	3	1	3	0
Ambos	5	17	15	52	3
<i>A academia apresenta alunos com deficiência física? ou</i>					
Sim	20	69	24	83	18
Não	9	31	5	17	3
<i>Quem atua quando existe?</i>					
Fisioterapeuta	2	7	1	3	0
Profissional de educação física	5	17	5	17	1
Ambos	13	45	18	62	11

<i>Existe padronização e amplo entendimento de termos utilizados entre os profissionais?</i>					
Sim	27	93	27	93	26
Não	2	7	2	7	1
<i>O fisioterapeuta conhece as modalidades oferecidas na academia?</i>					
Sim	29	100	28	97	28
Não	0	0	1	3	0
<i>O profissional de educação física conhece como é feita a avaliação fisioterápica?</i>					
Sim	28	97	22	76	22
Não	1	3	7	24	0
<i>Qual a qualidade da relação entre os profissionais?</i>					
Excelente	12	41	12	41	5
Muito Boa	10	34	13	45	6
Boa	6	21	3	10	1
Razoável	1	3	1	3	0
Ruim	0	0	0	0	0
<i>O outro profissional está aberto para discussões?</i>					
Sempre	16	55	22	76	13
A maior parte das vezes	10	34	6	21	2
As vezes	3	10	0	0	0
Nunca	0	0	0	0	0
Nunca recorreu	0	0	1	3	0
<i>Qual profissional é responsável pela conduta final?</i>					
Fisioterapeuta	1	3	0	0	0
profissional de educação física	10	34	19	66	6
Ambos	18	62	10	34	5

Discussão

Na presente pesquisa foi possível traçar um perfil da situação de interação entre fisioterapeutas e profissionais de educação física que trabalhavam em academias de ginástica da cidade de Belo Horizonte.

Em relação ao perfil dessa amostra, foi possível observar um desequilíbrio de gênero, uma vez que 65,5% dos fisioterapeutas eram do sexo feminino, enquanto 79,3% dos profissionais de educação física eram do sexo masculino ($p=0,001$). Tal discrepância pode influenciar a dinâmica em equipe, porém não a impede de ocorrer, uma vez que é viável que homens e mulheres integrem um mesmo grupo de forma harmoniosa, desde que o tema em discussão não esteja relacionado, ou seja afetado por estereótipos sexuais⁸.

Quanto ao vínculo empregatício dos profissionais, o que se pode perceber é que o fisioterapeuta era, na maioria das vezes, profissional autônomo (82,8%), enquanto que a maior parte dos profissionais de educação física era contratada com carteira assinada (86,2%) ($p=0,01$). O vínculo empregatício é um fator que pode

interferir na existência de uma boa relação interdisciplinar. O profissional autônomo é uma pessoa física que presta serviços em caráter eventual e sem relação de emprego com a empresa⁹. Sendo assim, a falta de estabilidade e direitos trabalhistas, como férias e 13º salário, pode ser fator que gera insegurança entre estes profissionais, assim como foi observado em estudo com profissionais do PSF de Teresina/Piauí, que afirmaram que a inexistência de vínculo empregatício formal é determinante de angústia e incertezas¹⁰. Além disso, o fato de serem contratados como autônomos lhes causa dificuldade no gozo dos direitos trabalhistas e reivindicações quanto ao reconhecimento profissional, no entanto essa é uma tendência do mercado de trabalho atual¹¹. Sendo assim, os responsáveis pelas academias deveriam buscar igualar essa questão, a fim de aperfeiçoar o trabalho em equipe de seus funcionários. Tal pensamento corrobora os achados de Peduzzi⁴ que demonstra que nas equipes profissionais em que há menor desigualdade há maior integração.

No presente estudo também se observou que os profissionais participantes mostraram não ter um conceito teórico adequado sobre interdisciplinaridade. Para a maioria dos fisioterapeutas (86,2%) e profissionais de educação física (75,9%), na relação interdisciplinar devem existir profissionais de áreas diferentes trabalhando juntos e interagindo para formar uma equipe. Entretanto, apenas 27,6% dos profissionais citaram que no final do processo interativo ambos deveriam sair enriquecidos, elemento este essencial em uma relação interdisciplinar^{1,4}. Portanto, verifica-se que a proporção das respostas de cada profissional foi muito semelhante, fato esse indicativo de que apesar de não possuírem o conceito mais amplo de interdisciplinaridade, ambos acreditam no trabalho em equipe como fundamental para essa interação.

No estudo também foi verificado que a presença do professor de educação física na sala do fisioterapeuta e do fisioterapeuta na sala de musculação ocorria em poucas academias e em nenhuma das academias pesquisadas houve concordância quanto às respostas dadas em relação à frequência em que isso acontecia. Essa situação diminui a oportunidade de discussão e troca de conhecimento entre os profissionais, já que há necessidade de se compartilhar momentos, conceitos e espaços para se ter uma interdisciplinaridade de fato. Outro obstáculo à interação pode ser detectado quando mais fisioterapeutas afirmaram estar informados sobre as atividades desenvolvidas pelos professores de educação física na academia do que estes afirmaram conhecer como era realizada a avaliação fisioterápica. O fato de um profissional não conhecer ao certo sobre o trabalho do outro pode limitar as possibilidades de interação, pois ele não sabe como contribuir e não se abre para discussões. Além disso, conhecer o profissional com quem se trabalha e conhecer como é executado o seu trabalho também faz parte da interdisciplinaridade^{1,4}.

Apesar de o estudo mostrar esta falta de conhecimento de um profissional sobre as atividades realizadas pelos outros colegas, o estudo mostrou a existência de uma boa relação entre os membros da equipe. A maioria dos profissionais envolvidos do estudo

(81%) considerou como excelente ou muito boa a sua relação de trabalho com o outro profissional, demonstrando ainda concordância entre as respostas dadas pelos entrevistados da mesma academia. Porém, para Peduzzi⁴, ocorre redução da interação da equipe quando as relações pessoais baseadas no sentimento de amizade e camaradagem sobrepõem-se às dimensões pessoais e tecnológicas⁴, o que pode ter ocorrido nesse estudo uma vez que a comunicação concebida e praticada como dimensão intrínseca ao trabalho em equipe foi pouco observada⁴.

Todos os fisioterapeutas envolvidos no estudo realizavam avaliações e reavaliações fisioterápicas, o que era um dos critérios de inclusão dos fisioterapeutas no estudo. Por outro lado, o professor de educação física possuía outras funções e atuava diariamente com os alunos. Em 45% das academias o esse profissional avaliava o aluno, sendo que no restante, a avaliação física ficava sob responsabilidade do fisioterapeuta que a realizava conjuntamente com a avaliação fisioterápica. Assim, o professor de educação física só tinha acesso à avaliação pronta, o que não é correto, uma vez que é especificidade do professor de educação física aplicar métodos e técnicas de medida e avaliação cineantropométrica, biomecânica e de composição corporal¹². Além disso, não se pode falar de trabalho em equipe e interdisciplinaridade se não houver comunicação entre os membros da equipe⁴. O PSF, símbolo da busca pelo trabalho em equipe na área da saúde, destaca amplamente essa característica, acreditando que os fatores necessários para o trabalho em equipe, tais como a coordenação, a integração dos saberes e a interação dos agentes só ocorreriam por meio da mediação simbólica da linguagem. Portanto, a comunicação entre os profissionais pode ser considerada um denominador-comum do trabalho em equipe^{4,5}. Considerando-se o ambiente das academias de ginástica, o momento após a avaliação de um aluno e a elaboração de um plano de treinamento, pode ser considerado um dos mais propícios para ocorrer discussões e trocas de informações e conhecimentos. Tal comunicação pode ser colocada em prática através de reuniões frequentes entre os profissionais das diferentes

áreas. No estudo se observa que a maioria das academias realizava reuniões para discussões entre os profissionais, porém em grande parte isso ocorria com pouca frequência. No entanto, é interessante notar que essa frequência obteve baixa concordância entre os entrevistados de uma mesma academia. Tal fato pode ser explicado pela possível diferença de interpretação dos profissionais quanto ao que cada um considera como reunião, podendo essa ser feita de maneira informal sem prévio agendamento ou dentro de uma sala própria e com horário determinado. Mesmo as reuniões informais e discussões de casos isolados fazem parte e são importantes para um ambiente de trabalho, pois estimulam a comunicação entre membros da equipe, item fundamental no trabalho interdisciplinar¹.

Favorecendo ainda mais a comunicação entre os profissionais, a linguagem utilizada por eles era amplamente entendida e padronizada, com exceção de três academias, onde isso não ocorria. Essa linguagem comum garante a totalização, que aparece para substituir a incoerência de palavras e relatórios não compatíveis entre si¹³. Por sua vez, todos os profissionais se mostraram abertos para discussões mesmo que fora das reuniões, o que é base para o trabalho em equipe que necessita do equilíbrio entre trabalho e interação dos agentes, conforme proposto por Peduzzi⁴.

Não obstante, tanto o profissional de educação física quanto o fisioterapeuta são profissionais capacitados para atuar com pessoas com deficiência física ou mental e desenvolver atividades com pessoas portadoras de doenças cardiovasculares, diabetes, obesidade, dentre outras. A educação física, quando oferecida a pessoas com necessidades especiais, deverá ser cuidadosamente adaptada às características de cada caso e buscar incentivar a prática de esportes adaptados que, além de proporcionarem qualidade de vida e saúde, desenvolvam sentimentos de superação e auto-estima¹⁴. Por outro lado, o profissional de educação física pode também auxiliar preventivamente na redução de enfermidades relacionadas com obesidade, hipertensão, algumas formas de câncer e depressões através do incentivo à prática regular de atividades físicas¹⁵. Por sua

vez, o fisioterapeuta tem habilidades mais desenvolvidas no treinamento funcional e na adaptação do deficiente físico/mental e de indivíduos com diabetes, hipertensão ou obesidade às demandas do ambiente em que vivem¹⁶. É amplamente conhecido, por exemplo, o trabalho de fisioterapeutas na reabilitação de pacientes que sofreram infarto¹⁷ ou acidente vascular encefálico (AVE)¹⁸. Tal trabalho, desenvolvido geralmente em etapas, culmina em treinos avançados que envolvem treino aeróbico em esteiras ou bicicletas ergométricas ou treino com carga. Estes seriam momentos propícios para a realização do trabalho em equipe entre fisioterapeutas e profissionais de educação física no ambiente das academias: o fisioterapeuta colaborando com o treino funcional e a reabilitação/adaptação às demandas do ambiente e o professor de educação física instruindo treinos aeróbicos avançados e com carga, além de incentivar a inserção no esporte. Afinal, quando pessoas com deficiência física/mental ou portadoras de doenças crônicas são atendidas por uma equipe interdisciplinar todas as suas habilidades são desenvolvidas plenamente¹⁶. Porém, isso não foi detectado no estudo, uma vez que em apenas 11 academias ocorreu concordância entre a resposta dos profissionais a respeito de qual profissional atua nestes casos. Assim, pode-se inferir novamente que os profissionais não conhecem as potencialidades do local e dos seus colegas de trabalho.

Outro momento em que a interação dos profissionais da academia se faz necessária é na elaboração do programa de treinamento dos alunos, uma vez que ambos são aptos para essa função, desde que levem em consideração seus limites profissionais. No entanto, o que foi observado no presente estudo foi uma discordância muito grande entre as respostas, ocorrendo divergência em 18 academias (62%). Na percepção de muitos fisioterapeutas envolvidos no estudo (62%) ambos profissionais são responsáveis pela elaboração do programa, enquanto que para 65,5 % dos profissionais de educação física apenas eles são os responsáveis por essa decisão. Pode-se observar com isso outro achado semelhante ao encontrado por Peduzzi nas equipes do PSF, de que não se percebe, dentro das equipes, um

sentimento de responsabilidade coletiva pelos resultados do trabalho, o que leva à incoordenação das ações de cada profissional⁴. É fundamental que os profissionais busquem esse objetivo comum e se responsabilizem mutuamente por essa tomada de decisão, afinal essa atitude interdisciplinar leva à maturidade que contribuirá ainda mais para o aprendizado do grupo¹³.

Finalmente, as palavras mais citadas entre os fisioterapeutas e profissionais de educação física como fundamentos para que ocorra a relação interdisciplinar foram: “respeito”, “conhecimento” e “humildade”. Reafirmando que a interdisciplinaridade é baseada em conceitos básicos como: a humildade, o múltiplo, a totalidade e o respeito pelo outro^{13,19}. Outras palavras, menos citadas foram “vontade” e “interesse”, afinal, de nada adianta o diálogo e a integração se não há intencionalidade consciente, clara e objetiva; sem intenção, não há interdisciplinaridade¹³.

Observa-se no presente estudo, em concordância com os achados de Pedrosa e Teles¹⁰, no qual as condições de trabalho, salários, competências e responsabilidades foram os fatores que mais promoveram a segmentação entre grupos e subgrupos do PSF, que desigualdades trabalhistas e disputa de competências e responsabilidades podem ter afastado fisioterapeutas e profissionais de educação física do trabalho coordenado e integrado.

Finalmente, podemos concluir que ainda há muito que se fazer na busca pela interdisciplinariedade nesse ambiente de trabalho e que para tanto será necessário que todos os profissionais façam de suas equipes uma sala de aula interdisciplinar, na qual a obrigação seja substituída pela satisfação; a arrogância se transforme em humildade e a solidão em cooperação; que a especialização seja substituída pela generalidade e o grupo homogêneo pelo heterogêneo²⁰.

Não obstante, salienta-se que este estudo caracterizou apenas a relação interdisciplinar entre fisioterapeutas e profissionais de educação física em academias de ginástica de Belo Horizonte. Estudos envolvendo outros profissionais em academias e outros

ambientes de trabalho são sugeridos para investigações futuras.

Conclusão

Os resultados do presente estudo demonstram aspectos positivos - bom relacionamento entre os colegas de trabalho e presença de reuniões entre eles - e aspectos negativos - discrepância entre gêneros e vínculo empregatício, desconhecimento sobre o trabalho do colega e discordância entre as respostas em uma mesma academia - na relação de trabalho entre profissionais de educação física e fisioterapeutas nas academias de ginástica. Sendo assim, conclui-se que essa relação está em desenvolvimento, porém ainda aquém do ideal preconizado pela literatura para ser considerada uma relação interdisciplinar.

Referências

1. Japiassu H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
2. Sommerman A. **Inter ou transdisciplinaridade?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre saberes**. São Paulo: Paulus, 2006.
3. Piaget J. Psychologie et épistémologie. In: OCDE/CERI. **L’interdisciplinarité: problèmes d’enseignement et de recherche dans les universités**. Paris. 1972, p. 131 – 144. apud JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
4. Peduzzi M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Rev. Saúde Pública**. 2001; 35: 103-9.
5. Fortuna CM. O trabalho de equipe no programa de saúde da família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e de grupos operativos. **Rev. Latino-am Enfermagem**. 2005; 13: 262-268.
6. Pereira MMF. **Academia: estrutura técnica e administrativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
7. Goston JL. **Prevalência do uso de suplementos nutricionais entre praticantes de atividade física em academias de Belo Horizonte: fatores associados**. [Monografia Pós-Graduação em Ciência de Alimentos - Faculdade de Farmácia]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
8. Lavinas L. Emprego Feminino: O que Há de Novo e o que se Repete. Dados - **Revista de Ciências Sociais**. 1997; 40: 41-67.
9. Sarandy WWS. **O profissional autônomo**. SEBRAE - ES disponível em

- <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/541C592C706D21DB03256D520059A282/\\$File/28_1_arquivo_Pr ofAutonomo.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/541C592C706D21DB03256D520059A282/$File/28_1_arquivo_Pr ofAutonomo.pdf)> [2009 abril 25].
10. Pedrosa JIS, Teles JBM. Consenso e diferenças em equipes do Programa Saúde da Família. **Rev. Saúde Pública**. 2001; 35: 303-311.
 11. Silva AA. **Análise do perfil, funções e habilidades do fisioterapeuta do futebol e do voleibol no Brasil**. [Monografia - Mestrado em Ciências da Reabilitação – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional] Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
 12. Resolução CONFEF nº 046/2002 **Intervenção do Profissional de Educação Física**. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=82 [2009 abril 21]
 13. Viana CM, Rita TS. Apenas Interdisciplinar? **Mundo & Vida**. 2000; 2: 17-20.
 14. Labronici RHDD *et al.* Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arq. Neuro-Psiquiatr**. 2000; 58: 1092-1099.
 15. FIEP. **Manifesto mundial da educação física FIEP/2000**. Foz do Iguaçu - PR Brasil, jan, 2000.
 16. Wheeler RH, Hooley AM. Rehabilitation and habilitation: Physical Medicine, Allied Medical Services. In: _____. **Physical Education for the handicapped**. 2a ed. Philadelphia: Lea & Febiger, 1976.
 17. Silva E, Catai AM. Fisioterapia Cardiovascular na Fase Tardia – Fase III da Reabilitação Cardiovascular. In: Regenga MM. **Fisioterapia em cardiologia: da UTI à reabilitação**. São Paulo: Roca, 2000.
 18. Ernst E. A review of stroke rehabilitation and physiotherapy. **Stroke**. 1990; 21: 1081-1085.
 19. Vilela EM, Mendes IJM. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. **Rev. Latino-am Enfermagem**. 2003; 11: 525-531.
 20. Carlos JG. **Interdisciplinaridade: o que é isso?** In: Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades. Disponível em: http://www.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf . Acesso em: 11/01/09.